

# Três campanhas e uma representação: a infância pré-moderna no bolsonarismo<sup>1</sup>

Three campaigns and a representation: pre-modern childhood in bolsonarism

**Fernanda Müller**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Emilene Leite de Sousa**

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, Maranhão, Brasil

## RESUMO

Este artigo realiza uma análise antropológica de imagens e palavras de Jair Messias Bolsonaro, enfocando especificamente seu conteúdo relacionado a crianças e divulgado amplamente na mídia de 2018 a 2022. Problematiza sociologicamente o termo “campanha”, ao investigar três campanhas promovidas pelo bolsonarismo de forma interconectada e interdependente: a promoção do militarismo, a defesa do trabalho infantil e a oposição à vacinação infantil contra a Covid-19. O artigo propõe o contraste entre a representação bolsonarista da infância e as noções de provisão, proteção e participação infantil, segundo delineadas na legislação sobre a infância do século XX. A conclusão central do estudo é que o bolsonarismo promove uma representação das crianças como pequenos adultos, em uma abordagem que sugere um retorno a uma perspectiva pré-moderna da infância.

**Palavras-chave:** Crianças, Infância, Bolsonarismo, Representação.

---

<sup>1</sup> As autoras expressam sua gratidão à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, à Universidade de Brasília e à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão pelo financiamento de projetos de pesquisa que contribuíram para as reflexões apresentadas neste artigo. Este trabalho também contou com o apoio da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, sob o Código de Financiamento 001.

---

Recebido em 11 de maio de 2023.  
Avaliador A: 17 de agosto de 2023.  
Avaliador B: 03 de outubro de 2023.  
Aceito em 04 de dezembro de 2023.

---



**ABSTRACT**

This article conducts an anthropological analysis of images of and statements made by Jair Messias Bolsonaro, with a specific focus on content related to children, widely disseminated in the media from 2018 to 2022. It sociologically problematizes the term “campaign”, by investigating three of these, promoted by Bolsonarism in an interconnected and interdependent manner: the promotion of militarism, the defense of child labor, and the opposition to Covid-19 vaccination for children. The article proposes a contrast between the Bolsonarist representation of childhood, and the notions of provision, protection, and child participation as outlined in the 20th-century legislation on childhood. The central conclusion of the study is that Bolsonarism promotes a representation of children as small adults, an approach that suggests a return to a pre-modern perspective on childhood.

**Keywords:** Children, Childhood, Bolsonarism, Representation.

**INTRODUÇÃO**

O presente artigo propõe uma análise das representações de crianças e da infância operadas no âmbito do bolsonarismo. Para isso, lançamos um olhar sobre uma seleção de depoimentos e imagens de Jair Messias Bolsonaro sobre, para e com as crianças nos meios de comunicação entre 2018 e 2022. Logo, propomos “campanha”<sup>2</sup> como uma categoria potente para o exame da relação entre bolsonarismo<sup>3</sup> e infância. Elegemos, portanto, três dessas campanhas que nos

---

2 Partimos da definição de “campanha” como uma configuração de práticas realizadas por Bolsonaro, sua equipe, sua bancada de apoio e seus eleitores, cujo objetivo é articular uma narrativa persuasiva baseada na repetição sistemática de discursos e símbolos visuais favoráveis às políticas de militarização do cotidiano, à defesa do trabalho precoce e à resistência à vacinação infantil contra a Covid-19. Essa dinâmica foi constante não apenas durante as campanhas presidenciais de 2018 e 2022, mas sobretudo no seu interstício, ou seja, ao longo do mandato de Bolsonaro (2019-2022), evidenciando uma continuidade retórica. Optamos por classificá-las meramente como um instrumento didático, visto que, como revelado pela análise, essas questões se mostram intrincadas e mutuamente dependentes, aderindo a uma lógica de formulação discursiva que se funde com a “meta-campanha”, ou seja, a campanha eleitoral.

3 Expressão brasileira de um movimento de extrema-direita de força mundial com apelo às forças armadas e policiais, às milícias e às bancadas “BBB” (da bala, do boi e da Bíblia), numa tentativa de saciar os grupos que se sentiram excluídos, ressentidos ou represados ao longo dos anos que sucederam ao fim da ditadura militar (Reis, 2020). Diversos autores têm se dedicado a entender o republicanismo no Brasil (vide Bresser-Pereira, 2004; Miguel, 2003; Reis, 2020; dentre outros) que, basicamente, poderia ser explicado por meio da valorização da participação na vida pública, da busca de liberdade civil na deliberação sobre os rumos da sociedade e da capacidade de sacrificar o interesse pessoal em prol do Estado ou da coletividade (Miguel, 2003). Ao revés dos valores republicanos e do mundo da política, as ideias defendidas por Bolsonaro operaram e se materializam em

parecem evidenciar como operou a produção de uma representação particular das crianças no bolsonarismo, qual seja, a do adulto em miniatura.

Primeiramente, procedemos a um levantamento digital de material iconográfico relacionado a Bolsonaro. Essa pesquisa nos deu acesso a um leque extenso de imagens, dentre as quais algumas se destacavam pela frequência com que apareciam em diversos portais de notícias nacionais, assim como pelo volume significativo de visualizações e interações que recebiam. A partir desse ponto, catalogamos as imagens que retratavam Bolsonaro em interação com crianças. Após um exame detalhado desse acervo, identificamos e selecionamos para uma análise mais profunda imagens com a presença expressiva de crianças em aglomerações de apoio ao governo. Nessa seleção, identificamos um conjunto de gestos, posturas corporais e símbolos que sugerem, como demonstrado por Schwarcz (2020), uma “artilharia visual”, pois parecem sempre estratégicos, alinhados com o que classificamos, em nosso argumento, como campanhas.

As imagens<sup>4</sup> primeiramente nos levaram aos sítios hospedeiros, que, sendo *blogs* ou jornais, além das fotografias, dispunham de depoimentos de Bolsonaro nas circunstâncias em que as fotografias ou os vídeos foram produzidos. Em segundo lugar, as imagens nos conduziram ao fio condutor de nossa reflexão, ou seja, às três campanhas que formatam uma representação bolsonarista da infância. Para atender aos objetivos deste artigo e seguindo esses critérios, dedicaremos nossa análise às dez imagens selecionadas, assim como aos discursos que as acompanham nos veículos da mídia.

Nossa abordagem para examinar essa representação<sup>5</sup>, ancorada tanto em imagens quanto em palavras, é informada por uma compreensão de que ambas as formas de expressão se complementam e operam em um plano de igualdade, conforme discutido por Regitano e Toren (2019). Nenhuma das modalidades é vista como substituta ou hierarquicamente superior à outra – ao contrário, as imagens estariam no mesmo nível das limitações das palavras. Como defende Schwarcz (2014, p. 393), não se trata de construir uma teoria da imagem, mas de dar “imagem à teoria”, tomando-a como uma “produtora de representações”. Ademais, as

---

ações governamentais que também afetam as crianças.

4 O uso das imagens diz respeito à dimensão perdida da antropologia, que se tornou uma disciplina de palavras cuja primazia histórica era a da palavra sobre a imagem, especialmente por ser uma ciência que duvidou da imagem, tratando-a como subalterna, complementar ou meramente ilustrativa (Schwarcz, 2014). A fotografia nos conduz a muitos lugares ou a lugar nenhum, por ser polissêmica, assim como a escrita, mas num grau infinitamente menor. É por isso que o texto guia faz entender, conduz, induz. Já a imagem não é o equivalente do texto; a primeira teria a função despertadora, enquanto o segundo, a enunciativa da linguagem (Samain, 2004).

5 Operamos com a noção de representação proposta por Schwarcz (2014, p. 393) a partir de sua inspiração em Mitchell: trata-se de um “processo e [uma] relação, incluindo-se em seu escopo cultura política, sistema de intercâmbios e transferência de valores, imaginários utópicos e realidades pragmáticas”.

representações permitiriam “relacionar texto e imagem; questões éticas, do conhecimento e do poder” (Schwarcz, 2014, p. 393).

As imagens nos permitiram construir uma narrativa sem ingenuidade sobre o famoso *being there* (Geertz, 2018). Buscamos a decifração de texto e imagem nos sentidos dados por Guran (2000), quais sejam, de “descobrir” e “contar”. Descobrir ganha aqui o sentido de obter informações, ou seja, a partir das imagens selecionadas, colocamo-nos num exercício de descrição detalhada de seu conteúdo. Já contar diz respeito a demonstrar nosso argumento também por meio do texto e da imagem.

Três campanhas se revelaram em imagens e palavras, portanto: a) a defesa do trabalho infantil, feita a partir de diversos depoimentos de Bolsonaro e ações governamentais; b) a militar: a apologia à militarização da sociedade civil, por meio da liberação de armamento e munição, se revela aqui em imagens de crianças fardadas em atos públicos de apoio a Bolsonaro, mimetizando o gesto manual icônico do bolsonarismo – a arma –, além de seus depoimentos de defesa dessa agenda; c) a oposição à vacinação: a expressão última da negação da Covid-19 e dos protocolos de prevenção, expressa em depoimentos contra a vacinação de crianças de cinco a 11 anos.

A propósito, o modo como as crianças foram expostas em 2018 já antecipava a ação de militarização da sociedade, conforme veremos adiante, ao mesmo tempo que anunciava uma visão de mundo que se revelou nos discursos em defesa do trabalho infantil e contra a vacina, literalmente, em imagens. Logo exploramos as seguintes questões: como as campanhas militar, em defesa do trabalho infantil e contra a vacina, evidenciam as crianças no bolsonarismo? Qual é o lugar das crianças nessas ações? Que representações se revelam por meio dos discursos e das imagens? Isto é, o que Bolsonaro diz para as crianças, o que diz sobre as crianças e o modo como se comporta em copresença está aqui submetido ao escrutínio da análise antropológica de um material textual e audiovisual selecionado.

Colocamo-nos a questão, assim como sugerido por Machado (2021, p. xvii), ao sintetizar uma coletânea sobre o giro à direita no Brasil (Hatzikidi; Dullo, 2021a): “quem somos nós?”. E o “nós”, nesse caso, tem a ver com as três acepções sugeridas pela autora: “nós” como brasileiras que vivemos os impactos do governo Bolsonaro; “nós” como pesquisadoras, não propriamente do Brasil, mas de uma antropologia das crianças e da infância brasileiras; e, por fim, “nós” que observamos, no mundo, não só a virada à direita, mas experiências de crianças que, assim como no Brasil, são classificadas de acordo com visões de mundo que nem sempre as reconhecem como pessoas. Ora, de que forma participamos desse “nós”<sup>6</sup>?

---

<sup>6</sup> Lowenkron (2017) experimentou um processo pessoal de sensibilização ao ser exposta a certas imagens durante sua pesquisa de campo no Núcleo de Prevenção e Repressão a Crimes via Internet (Nunet). Inicialmente, as imagens lhe causaram grande desconforto e mal-estar, mas, com o tempo, ela aprendeu a gerenciar suas emoções,

Apesar da quantidade de pesquisas que tratam do bolsonarismo ou da emergência de uma nova direita nos últimos anos (Cesarino, 2019; Lyra, 2021; Pinheiro-Machado; Scalco, 2020) ou do retorno dela (Hatzikidi; Dullo, 2021b) em seus mais diversos aspectos, buscamos superar a ausência de trabalhos<sup>7</sup> sobre os modos como a infância e as crianças aparecem no bolsonarismo, seja pela compreensão de infância e crianças com as quais opera, seja pelos impactos causados sobre as crianças. Todavia este artigo não pretende dar conta das diversas formas como a infância é representada no bolsonarismo, pois isso requereria uma pesquisa maior, cuja transversalidade com a infância abrigaria temas que ultrapassam a militarização, a vacinação e o trabalho<sup>8</sup>. Por ora, dedicamo-nos à análise da infância por meio de um recorte muito específico, mas eficaz, oferecendo uma entrada para que outras análises sobre a infância e as crianças no bolsonarismo possam ser desenvolvidas.

Como consequência da representação das crianças como adultos em miniatura, refletimos sobre os modos de participação das crianças como sujeitos políticos. O exame atento sobre os dados revelou os modos como as crianças são inseridas no cenário político não a partir de sua participação, para serem ouvidas ou consideradas, mas a partir da exposição e da alienação de suas imagens<sup>9</sup>.

---

adotando uma abordagem mais objetiva. Esse processo de adaptação emocional foi crucial para a realização da pesquisa e para a compreensão do trabalho policial nesse contexto. Da mesma forma, o “nós” no estudo sobre infância e bolsonarismo, primeiramente, disse respeito a um desconforto diante das imagens; em um segundo momento, o processo de análise e compreensão nos conduziu ao modo particular como as narrativas políticas afetam e moldam as percepções públicas, assim como a nós mesmas.

7 Encontramos somente o trabalho de Lins (2021), que aborda a questão.

8 Ao mesmo tempo que questões como vacinação, armamento e trabalho infantil ganhavam destaque na mídia, o tema da infância emergia como agenda no Palácio do Planalto, nos Ministérios e no Congresso Nacional, de maioria conservadora, sob novas facetas: o ensino domiciliar (*homeschooling*) e a problemática do abuso e da exploração sexual de crianças. Este último tema, que mobiliza intensamente segmentos cristãos, especialmente evangélicos, desde os preparativos para a Copa do Mundo de 2014, tem sido um pilar fundamental do apoio e da difusão do bolsonarismo. Complementarmente, duas outras questões cruciais se entrelaçam com a infância e a adolescência: a inclusão de educação sexual nos currículos escolares, marcada pela polêmica do “kit gay” e associada ao fenômeno do “pânico moral”, conforme explorado por Miskolci (2007, 2017), e a proposta de redução da maioridade penal, tópico atualizado na gestão bolsonarista e alinhado ao projeto de expandir a responsabilização legal de jovens.

9 Luís Inácio Lula da Silva venceu as eleições presidenciais de 2022 contra o candidato e então presidente Jair Messias Bolsonaro. A vitória de Lula no segundo turno se baseou em uma diferença de aproximadamente dois milhões de votos (TSE, 2022), fato que escancarou a polarização da escolha de eleitores e eleitoras diante de uma ou outra agenda política. A derrota de Bolsonaro motivou diversas manifestações iniciadas no dia 31 de outubro, como o fechamento de estradas federais e estaduais Brasil afora e acampamentos na frente de quartéis que solicitaram a intervenção militar. Cenas de crimes e violências foram veiculadas nas redes sociais, em apoio à militarização da sociedade. Mais do que isto, crianças se encontraram em alguns desses acampamentos e foram usadas como escudos humanos no confronto com a polícia, cujas imagens veiculadas na mídia são objeto de análise de outro artigo (no prelo).

## AS TRÊS CAMPANHAS

A historiografia realizada por Ariès (1986) definiu a infância como uma construção social e histórica moderna, pois, apesar do fato de que crianças sempre existiram, nem sempre houve infância. Na Idade Média, a ausência do sentimento de infância resultava na indiscriminação das fases da vida, de modo que as crianças, assim que adquiriam algum desembaraço físico, eram integradas aos adultos, compartilhando de seus trabalhos e jogos (Ariès, 1986). Prevalencia a noção de que a criança representava o adulto reduzido em tamanho e força. Suas vestimentas eram idênticas àquelas usadas pelos adultos, com exceção do tamanho. A partir dos séculos XV e XVI, a infância passou a ser representada na iconografia como um período de vida particular, com vestimentas, brinquedos e jogos que a diferiam das demais idades da vida.

Se a infância é um constructo social e histórico e emerge com a sociedade moderna, ela também seria consequência da história da relação das crianças umas com as outras, bem como com os adultos, com a cultura e a sociedade. Na tentativa de compreender como o bolsonarismo opera uma concepção própria de infância, elegemos três campanhas que explicam uma representação desse conceito. Na campanha militar, observamos a exposição das crianças que foram levadas às aglomerações de apoio a Bolsonaro desde a campanha eleitoral de 2018. Quanto à defesa do trabalho infantil, os depoimentos de Bolsonaro são diversos e consideram narrativas de sua própria experiência para argumentar a favor de seus benefícios. Os depoimentos contra a vacinação das crianças tratam da metamorfose – “Vai virar jacaré” –, em uma linguagem que assustaria as crianças pequenas. Tanto os depoimentos como as imagens produzem representações.

Precisamos refletir sobre como a retórica bolsonarista – seja em palavras, seja em imagens – não é contrária ao cuidado e à proteção das crianças, mas os exclui da chave de direitos universais mediados pelo Estado. Para o bolsonarismo, quem deve praticá-los são as famílias, as igrejas e outros grupos que operam um tipo de reconhecimento não universal, mas bifurcado (“aos amigos tudo, aos inimigos a lei”). Assim, se armadas, as famílias defenderiam suas crianças; permitir que as crianças trabalhem seria uma escolha também da família, guiada pelas necessidades econômicas e pelos valores morais de cada uma delas; a vacinação, nesse contexto, seria uma escolha de pais e mães, que, por sua vez, teriam total responsabilidade sobre as consequências dessa decisão.

Nesse sentido, a representação bolsonarista de infância reproduz o caráter “antimoderno” da história social da infância, ao não produzir uma nova representação da infância, mas operar a infância anterior à modernidade, da criança que é um adulto em miniatura, diminuído apenas em tamanho e força.

Na campanha eleitoral de 2018, Bolsonaro se apresentou como um *outsider* da política (embora já tivesse cumprido mandatos como vereador da cidade do Rio de Janeiro de 1989 a 1991 e de deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro de 1991 a 2019), defensor da moral, dos bons costumes e das liberdades individuais – defesa esta já amplamente divulgada anteriormente em programas televisivos dos mais apelativos.

Compomos a seguir duas imagens que devem ser lidas em sequência. Elas foram capturadas em um evento em Goiânia, em julho de 2018, quando Bolsonaro era ainda pré-candidato à Presidência da República. Enquanto discursava sobre um carro de som, tomou uma menina nos braços e, primeiramente, manipulou o gesto da arma em sua mão direita. Em seguida, direcionado ao público, junto com a criança, fez o mesmo gesto. Em posição elevada, Bolsonaro e a criança apontam armas, simbolicamente, para a plateia.

### Imagem 1. Evento em Goiânia em julho de 2018



Fonte: Fernandes (2018).

Para o Delegado Waldir, que à época era um aliado e ciceroneava Bolsonaro na visita, o gesto não poderia ser interpretado apenas de uma maneira. Ele acreditava que havia uma distinção importante a ser feita: “Para as pessoas de bem (o gesto) é coragem, honestidade, ser patriota. Mas para o bandido pode ser uma arma” (Fernandes, 2018).

Já oficialmente candidato à Presidência, no final de agosto de 2018, em campanha em Araçatuba, no interior de São Paulo, Bolsonaro acolheu um menino fardado como um policial militar no colo. A pergunta não tardou: “Você sabe atirar? Você sabe atirar? Sabe dar tiro?”. Ordenou ainda: “Atira!”, tomando, na sequência, a mão direita da criança para representar uma arma. Por fim, encarou o menino e enfatizou: “Policial tem que atirar!” (Decker; Tomazela, 2018).

### Imagem 2. Bolsonaro em campanha eleitoral em Araçatuba em agosto de 2018



**Fonte:** Decker; Tomazela (2018).

Após a afirmação “Policial tem que atirar!”, uma voz feminina reitera: “É isso aí!”. Diante de Bolsonaro com a criança no colo, a multidão grita em coro: “Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos Bolsonaro presidente do Brasil!” (Decker; Tomazela, 2018). No mesmo dia, o candidato afirmou que o Estatuto da Criança e do Adolescente deveria “ser rasgado e jogado na latrina [...] É um estímulo à vagabundagem e à malandragem infantil” (Soares, 2018).

Já em setembro de 2021, em Belo Horizonte, Bolsonaro participou do lançamento do projeto de expansão do metrô, atualmente com uma só linha que soma 28 quilômetros. O evento prometia a implantação da segunda linha. No entanto a imagem associada ao evento, uma das mais divulgadas, é a de um menino fardado que, sobre os ombros de Bolsonaro, segura um fuzil de brinquedo. Com a arma erguida, o menino olha na direção da plateia. Bolsonaro olha para cima, e, com a mão direita elevada, aponta também para cima, gesto que repetiu inúmeras vezes quando mencionou Deus. O menino está sério, tal como um policial em serviço; Bolsonaro sorri.

**Imagem 3. Lançamento das obras do metrô de Belo Horizonte em setembro de 2021**





**Fonte:** Gomes (2021).

As três primeiras imagens foram assim divulgadas nas versões eletrônicas dos principais jornais do país, no entanto é importante ressaltar que foram capturadas de vídeos, também amplamente divulgados nas redes sociais. A quarta imagem foi propagada como fotografia do evento em Belo Horizonte. Chama atenção o fato de que Bolsonaro ergue as crianças, seja no colo, seja sobre os ombros; nesse contato corporal há uma performance que transmite uma informação.

Desde 2018, já na campanha eleitoral, Bolsonaro se manifesta a favor das armas, moldando o corpo das crianças, sobretudo as mãos, para divulgar seu símbolo. Aposta em uma aproximação entre armas e crianças, incitando e incutindo nelas e em suas famílias o interesse pelo universo da defesa e da violência, o que se reforça na classificação sintetizada pelo deputado Delegado Waldir, qual seja: ambos os conceitos teriam sentidos distintos para as pessoas “de bem” e para os “bandidos”.

São vários os argumentos apresentados por Bolsonaro a favor do trabalho infantil, sobretudo os baseados na opinião de que a prática não prejudicaria as crianças e os sustentados por sua própria experiência: “Não fui prejudicado em nada. Quando um moleque de nove, dez anos vai trabalhar em algum lugar tá cheio de gente aí ‘trabalho escravo, não sei o quê, trabalho infantil’. Agora quando tá fumando um paralelepípedo de crack, ninguém fala nada” (Sakamoto, 2020). Mais do que isso, em sua visão, “[o] trabalho dignifica o homem e a mulher, não interessa a idade” (De Paula, 2019).

A representação bolsonarista utiliza-se de novos marcadores para caracterizar a infância

– a malandragem e a vagabundagem – que não estariam presentes na infância das crianças submetidas ao trabalho. Assim, o trabalho – elemento que ameaça a vivência plena da infância em contextos diversos no Brasil, tendo sido proibido e fiscalizado em todo o país por ameaçar a frequência das crianças à escola – passa a ser um valor no bolsonarismo.

Na ocasião do Sete de Setembro de 2020 em Brasília, algumas crianças foram convidadas a desfilar com Bolsonaro em um dos raros eventos não cancelados no Brasil à época devido à pandemia (uma imagem desse evento será abordada nas próximas páginas). Esther, uma *youtuber* de 10 anos de Ribeirão Preto, foi uma das crianças convidadas para a festividade e, no dia seguinte, para um café da manhã no Palácio da Alvorada. Ao fundo, as bandeiras do Brasil e do brasão da República. Em primeiro plano, Bolsonaro sentado, sorrindo, e a menina ao seu lado, sorrindo discretamente, com as duas mãos juntas, num gesto que lembra uma oração.

**Imagem 5. Bolsonaro e Esther em Brasília em setembro de 2020**



**Fonte:** Alves (2020) e Bolsonaro [...] (2020a).

Em 10 de setembro de 2020, Bolsonaro voltou a defender o trabalho infantil, dessa vez em uma *live* com a participação de Esther. Na ocasião, a pauta era a defesa do trabalho infantil: “Deixa o moleque trabalhar, poxa. Eu trabalhei. Outro dia eu falei que aprendi a dirigir com 12 anos de idade. Eu já engraxei sapatos. Molecada quer trabalhar, trabalha” (Fernandes, 2020). Esther, que entrevista em seu canal predominantemente cantores de música sertaneja, também defendeu “começar cedo”. Ela enfatiza que seus pais trabalham desde crianças e que ela própria teria começado como repórter aos seis anos, algo de que tem orgulho. O presidente sorriu, brincou com a menina e voltou a reforçar sua posição: “Deixa a molecada trabalhar!”.

Diante das duas imagens, deparamos com uma criança com poucas características de criança, cuja performance, em sua linguagem verbal e corporal, é de uma adulta que, além de se comportar como tal, afirma já ter conta bancária. Suas vestimentas sóbrias e formais também se aproximam das dos adultos sem qualquer distinção, assim como o chapéu, um dos símbolos

do agronegócio e de um grupo de artistas que demonstrou apoio à pauta bolsonarista. Mais uma vez a criança, tanto no espaço como simbolicamente, fica de lado, mimetizando Bolsonaro de forma sincrônica ou assincrônica. No caso da *live*, Bolsonaro está no centro.

O desprezo ao uso de máscaras e o incentivo às aglomerações precederam as críticas de Bolsonaro à vacinação. Ele não se furtou de circular livremente por diversas cidades do Brasil no auge das ondas de contaminação de Covid-19 em 2020 e 2021<sup>10</sup>. Não raro deixou de usar máscara, equipamento comprovadamente eficiente para evitar a contaminação. Como já tratado, não se furtou de comemorar o Sete de Setembro de 2020, juntando, sobre um só veículo e sem qualquer distanciamento, oito crianças, sendo que apenas duas delas usavam máscara.

#### Imagem 6. Desfile de Sete de Setembro em Brasília em 2020



Fonte: Silva (2020).

Em uma visita ao Rio Grande do Norte em junho de 2021, pegou no colo um menino que vestia a camisa oficial da seleção de futebol, um bracelete com a bandeira do Brasil no pulso direito e a máscara azul, compondo, assim, as cores da bandeira. Um tanto desajeitados, a criança e Bolsonaro parecem se equilibrar nesse encontro. Mas isso não foi impeditivo para Bolsonaro retirar a máscara da criança (Azevedo, 2021).

#### Imagem 7. Visita de Bolsonaro ao Rio Grande do Norte em junho de 2021

<sup>10</sup> A gestão da pandemia de Covid-19 no Brasil, sob a liderança do governo Bolsonaro, pode ser contrastada com as discussões sobre a ética do cuidado e a gestão da reabertura escolar. Lowenkron (2022) analisou o modo como as medidas de isolamento social, implementadas desde março de 2020, intensificaram o trabalho reprodutivo feminino não remunerado e trouxeram visibilidade às práticas de cuidado. Contudo, a importância desse cuidado continuou sendo negligenciada nas políticas públicas, e a gestão da reabertura escolar não conseguiu considerar adequadamente, por um lado, a dependência das crianças e, por outro, o suporte necessário para o seu cuidado. A autora argumenta que tanto a reabertura econômica quanto a gestão escolar refletem os históricos apagamento e desvalorização do trabalho de cuidado nas economias capitalistas.



Fonte: Azevedo (2021).

Em seu colo, o menino não só se encontrava próximo de um adulto sem máscara, mas também no meio da multidão, igualmente desprotegida.

## **AS TRÊS CAMPANHAS À LUZ DA PARTICIPAÇÃO, DA PREVISÃO E DA PROTEÇÃO DAS CRIANÇAS**

Neste artigo nos propusemos a demonstrar os sentidos particulares que as noções de provisão, proteção e participação assumem no bolsonarismo e o modo como isso foi modulado ao mesmo tempo que modulou a própria noção de infância. As três campanhas aqui selecionadas como recurso heurístico para a compreensão da representação bolsonarista de infância nos deram sinais de como se configurou o próprio governo. Ao enfatizar uma imagem da criança como adulto em miniatura, o bolsonarismo coloca em xeque a legislação que as ampara. Paralelamente, nos bastidores destas três campanhas, um fio condutor é engenhosamente elaborado: o da participação política.

Como discutido por Spivak (2010), existe um padrão mais amplo de silenciamento e marginalização de grupos minoritários, incluindo as crianças, em nossas sociedades. Esses grupos demonstram capacidade de pensamento, autonomia relativa e ação, conforme observado em estudos de Lima e Sousa (2020) e Sousa (2018), apesar das restrições impostas pelos contextos sociais. Essa visão é reforçada pelo crescente reconhecimento nas ciências sociais da importância de incluir as crianças nas pesquisas, uma ideia apoiada por Toren (2010). Tal

inclusão é crucial para entender as dinâmicas e experiências de participação das crianças em contextos políticos e sociais.

Por outro lado, Castro e Grisolia (2016) destacam o modo como as noções convencionais de desenvolvimento infantil e socialização moldam a perspectiva política sobre as crianças, frequentemente vistas como incapazes de participar da vida pública. No entanto há uma tendência emergente que busca reconhecer as crianças como cidadãs de direitos. Esse movimento desafia a visão centrada no adulto que predomina na sociedade, abrindo novas perspectivas para a interação entre a política e a infância.

Imagens e palavras que incorporam crianças no discurso bolsonarista, apresentando-as como potenciais apoiadoras, promovem a noção de que elas desempenham um papel no governo e são consideradas no próprio modo de governar. Contudo essa inclusão no cenário político é, de fato, uma exposição disfarçada de participação, criando a ilusão de integração e proteção.

Logo, há uma omissão das responsabilidades estatais em termos de proteção e provisão para a infância, aspecto central na forma como o bolsonarismo constrói um discurso a favor da proteção, mas paradoxalmente as crianças são expostas a riscos imediatos, ao invés de serem protegidas e providas pelo Estado. Elas são retiradas das chamadas “zonas seguras” da infância e confrontadas diretamente com armas, trabalho infantil e perigos à saúde durante a pandemia – como a falta de vacinação e de uso de máscaras –, enquanto o bolsonarismo se posiciona como um movimento dedicado ao bem-estar das crianças.

Assim como nas manifestações de apoio político, as crianças também estão submetidas às decisões familiares relativas à vacinação, indicando uma participação na esfera política que se limita à sua presença física, não à sua agência ou ação. Essa presença mais sugere uma exposição do que uma participação ativa, pois as crianças são levadas pelos adultos, sem protagonismo próprio.

Ademais, as crianças também dão uma nova forma ao adulto em miniatura, diferente daquela mostrada por Ariès (1986) nas obras de arte, ao mesmo tempo que são, elas mesmas, a expressão de sua representação. O gesto da mão que imita uma arma, reproduzido por milhares de crianças em todo o país, dilui as fronteiras construídas pela modernidade entre crianças e adultos e introduz a arma – símbolo maior da violência – como um ícone, tanto no artefato em si (arma de brinquedo) quanto no gesto. Ao fazê-lo, o bolsonarismo se polariza a partir de uma complexa contradição entre o mito da inocência e o apelo à violência, ou seja, ao mesmo tempo que defende a inocência das crianças – das ideologias de gênero, por exemplo –, apoia a liberação de armas de fogo para civis como a expressão máxima de sua proteção.

A hegemonia de uma concepção moderna da infância, tão bem descrita por Ariès, criou seus próprios mitos, ao menos no Ocidente, fundamentados nas noções de inocência e pureza.

Esses mitos de inocência e pureza decorrem da correlação entre as crianças e o sagrado – segundo Ariès, na iconografia já aparecia a associação das crianças com anjos e o menino Jesus –, mas igualmente da separação gradual entre os mundos da escola e do trabalho. E essa visão vai inaugurar e consolidar, ao longo do século XX, um norte nas políticas para a infância, sobretudo baseadas em três pilares: provisão, proteção e participação das crianças (Bazílio; Kramer, 2003). Especificamente no Brasil e com foco na superação de desigualdades sociais históricas, políticas públicas como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), criado em 1996, durante o governo Fernando Henrique Cardoso, ou de transferência de renda, como o Programa Bolsa Família, criado em 2003 durante o governo Luís Inácio Lula da Silva, buscaram manter as crianças na escola, longe do trabalho e, conseqüentemente, dos riscos sociais (Pires, 2013a, 2013b, 2013c; Pires, Falcão e Silva, 2014; Pires e Silva Jardim, 2014).

A escola demarcou a separação dos espaços e dos tempos de crianças e adultos e foi crucial à emergência da infância, assim como também criou outro efeito social: as crianças começaram a ficar à margem de quase tudo que aparentemente dizia respeito ao universo dos adultos. Conforme Qvortrup (2010) afirma, foi a mudança de posição da infância ao longo da história que criou a separação geracional.

Se, sobretudo a partir da década de 1990, a legislação e as políticas públicas consideraram as crianças sujeitos de direitos, o desafio que encontramos aqui é examinar os sentidos dados pelo bolsonarismo à infância, inéditos na história do Brasil, uma vez que delegam a instituições sociais específicas os deveres de proteção e provisão à criança, sem que esse dever seja visto, necessariamente, como direitos mediados pelo Estado.

A Lei nº 13.010/2014, conhecida como Lei da Palmada, foi sancionada no governo Dilma Rousseff e autorizou o Estado a interferir na violência de adultos contra crianças. Ora, a partir de tal perspectiva, o Estado não mais permite aos adultos machucar as crianças, e tenta afastá-las de qualquer forma de violência num sentido contrário à posição de Bolsonaro. Ao defender o armamento de civis, ele expõe as crianças ao perigo e ao risco da violência. Para Ribeiro (2014), a Lei da Palmada é resultado da tentativa de adequação do país às normas internacionais de proteção à infância. A partir da conexão entre política, ciência, moralidades e infância, Ribeiro identifica os principais atores engajados no debate deste PL e a tônica dos discursos proferidos na Câmara dos Deputados para emitir um parecer sobre tal projeto. A partir desse trabalho, a autora analisa como a criança universal se particulariza no debate sobre a lei. A controvérsia sobre as palavras a serem utilizadas no texto da lei guiam Ribeiro – a partir das categorias dor, lesão, castigo e sofrimento – a atentar para a luta discursiva que perpassa essa polémica e trata do governo das condutas de adultos e crianças.

O trabalho infantil é uma das campanhas que se constituiu como uma fonte de análise por seu poder de adesão ao nosso argumento principal: o bolsonarismo promove uma visão

antimoderna da infância, na qual as crianças são tratadas como adultos em miniatura. O trabalho no Brasil é permitido para adolescentes a partir dos 16 anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), aprovado em 1990, ainda autoriza o trabalho a partir dos 14 anos na categoria de aprendiz. Bolsonaro é um crítico feroz da legislação, e inclusive já defendeu que crianças e adolescentes possam trabalhar como uma forma de “enobrecimento” (Bolsonaro volta a defender trabalho infantil: “Deixa a molecada trabalhar”, 2020b).

Bolsonaro fala e age em defesa do trabalho infantil. Primeiro, esvaziou a Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil (Conaeti), extinta em 2019 e recriada em 2020, mas como uma comissão tripartite, com seis representantes do governo, seis de confederações empresariais e seis de centrais sindicais (Vila-Nova, 2020). Também em 2019, o primeiro ano do mandato, o montante gasto em ações na área era de quase R\$ 7 milhões, mas caiu para pouco mais de R\$ 331 mil em 2021. A verba executada em 2021 diz respeito a 17,7% do valor total de R\$ 1,88 milhão que a administração federal havia autorizado para combater o trabalho infantil e estimular a aprendizagem profissional. Houve uma redução de 95% do orçamento. Em 2020, a quantia foi ainda menor: apenas R\$ 810 mil foram autorizados para o enfrentamento da prática, sendo que desse montante R\$ 310 mil foram executados pelo governo (Amado, 2022).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, não vacinar as crianças contra a Covid-19 seria, ao contrário das evidências científicas, submetê-las ao risco de “virar jacaré” (Jucá, 2020), retomando o mito da metamorfose do humano em animal, tão comum nas fábulas infantis. que dirigem lições de moralidade e responsabilidade às crianças, como aquela que diz que, se não forem para a escola “viram burros”. A partir da afirmação de Bolsonaro de que sua filha Laura, à época com 11 anos, não seria vacinada, vídeos com supostos efeitos colaterais da vacina contra Covid-19 – crianças convulsionando, passando mal, sendo socorridas às pressas – começaram a circular nas redes sociais, reforçando supostos riscos. Assim, a campanha contra a vacinação das crianças se converte em estratégia de proteção.

Bolsonaro operou, assim como fez desde o princípio da pandemia, na contracorrente da ciência e das orientações dos epidemiologistas e virologistas. Em dezembro de 2021 ele retardou a vacinação de crianças contra a Covid-19, fato que se estendeu até fevereiro de 2022, quando as *fake news* e os pronunciamentos equivocados do então ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, colaboraram para a não aderência de milhares de pais e mães de diversos estados brasileiros à vacinação de suas crianças.

Ao remover a máscara do menino em seu colo e manifestar oposição à vacinação infantil, Bolsonaro manifestou sua visão de que as crianças não necessitam de proteção e de que não é responsabilidade do Estado assegurá-la. Reconhecemos que a campanha antivacina se baseia na crença de que há interesses corporativos ocultos por trás das vacinas, as quais, segundo ele, poderiam prejudicar a saúde das crianças. Dessa forma, o bolsonarismo persuade uma parcela

da população de que a melhor maneira de proteger as crianças é, paradoxalmente, não vaciná-las.

Encontramos uma explicação que está no cerne da discussão sobre o englobamento do público pelo privado. Trata-se de duas frentes que expressam uma visão de mundo que se pretende generalizante e transita entre o público e o privado: 1) a imposição de uma noção de família patriarcal em que os valores não deveriam sofrer qualquer interferência do Estado; 2) no trato com filhos e filhas, tudo é possível para privilegiar a família. A família patriarcal é que deve, na visão de mundo bolsonarista, decidir se a criança será vacinada ou não, se ela vai para a escola ou não (vide a campanha para instituir o Projeto de Lei nº 3.262 de 2019, que versa sobre o ensino domiciliar – *homeschooling* –, o que significaria a desobrigação do Estado de garantir o direito à educação universal), ou mesmo, num caso extremo, se ela deve ser castigada fisicamente ou não (a Lei da Palmada é fruto de uma visão de governo que mobiliza o Estado a sempre intervir quando uma criança está sofrendo violência ou está vulnerável diante de dada situação).

Há uma simetria que une a família de Bolsonaro às crianças brasileiras e pode ser observada quando ele espera que toda e qualquer criança saiba atirar (ou incentiva as crianças a fazê-lo), como os seus filhos, que teriam aprendido a usar armas aos cinco anos de idade. Ao se negar a vacinar a sua filha ele também espera motivar as famílias brasileiras a não vacinar suas crianças. Ou seja, através do modo como afirma ter criado os próprios filhos, Bolsonaro incentiva as famílias brasileiras a agir de modo semelhante em relação às suas crianças.

Ao mesmo tempo há um desequilíbrio que se encontra justamente no que se refere à ideia de proteção. Para seus filhos – quatro deles já adultos – Bolsonaro garante toda a proteção. Eles precisam ser perdoados, afinal são “garotos”: “Não é justo usar o garoto para me atingir” (Não [...], 2019). Se necessário, ele interfere em instituições do Estado para proteger seus filhos de acusações criminais. Ou seja, opera no maior estilo “dos meus filhos eu cuido, os filhos dos outros devem aprender a se cuidar sozinhos” ou “aos amigos tudo; aos inimigos, a lei”. Assim, esse movimento pendular, de simetria e assimetria – “devem ser como os meus filhos, mas não são!” –, opera nas esferas do público e do privado. Logo, na medida em que Bolsonaro usa o Estado para proteger seus filhos, ele nega que esse mesmo Estado proteja os filhos dos outros, afinal, para ele, “o ECA tem que ser jogado na latrina” (Soares, 2018).

Assim, ao mesmo tempo que o bolsonarismo apregoa uma infância cujos sujeitos devem ser capazes de proteger a si mesmos e inclusive saber atirar, por outro lado ele afirma: “Se eu puder dar o filé mignon para o meu filho, eu dou” (Nepotismo [...], 2019). Não nega os privilégios, benefícios e regalias que concede aos seus próprios filhos, neste caso, ao tentar nomear em 2019 Eduardo Bolsonaro embaixador do Brasil nos Estados Unidos.

Logo, na medida em que o reconhecimento da criança enquanto sujeito desaparece no



bolsonarismo ao se referir às crianças, que devem aprender a atirar aos cinco anos e podem trabalhar como adultos, o apelo à imaturidade, à irresponsabilidade ou à ingenuidade infantil aparece quando a situação envolve um dos filhos, Flávio, que aos 40 anos é só “um garoto” (Bolsonaro volta [...], 2019). Ou seja, no bolsonarismo também há uma “infantilização” do comportamento adulto, o que reforça o argumento de um certo colapso entre infância e idade adulta, mas que pode ir para os dois lados, igualmente, como um pêndulo.

Como se não bastasse retirar a capacidade agêntiva e a responsabilidade de Flávio, ele também tira do outro filho, Carlos, sua humanidade, ao afirmar que “também é o meu pitbull” (Gaspar, 2019). Como consequência, dilui a fronteira entre homem e animal, aproximando o próprio filho da animalidade. Por outro lado, é o pitbull, tal como uma fera domada, que deve proteger o pai.

Essa polarização da representação da infância, da família, do público e do privado no bolsonarismo é comum em diversas circunstâncias: para proteger as crianças, a solução seria armar os adultos, e nessa campanha as crianças são familiarizadas com armas de fogo. Para proteger as crianças não se incentiva a vacinação contra a Covid-19, sob pena de supostos riscos falsos, propagados pelas redes sociais do país. Ou seja, os dispositivos por meio dos quais o bolsonarismo pretende proteger as crianças são exatamente aqueles que, em outros contextos históricos, foram proibidos (o porte de armas) ou incentivados (obrigatoriedade de vacinação infantil). Numa inversão de sentidos, as armas proibidas passam a ser liberadas e incentivadas, e as vacinas incentivadas passam a ser desestimuladas em nome da proteção da família e das crianças.

## CONCLUSÃO

O *slogan* bolsonarista “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” já revelava uma visão de mundo cujos valores patrióticos e religiosos encontravam-se acima de todos os demais. Quando Bolsonaro se posicionou contra a campanha vacinal em discursos que punham em xeque a eficácia da vacina e, mais do que isso, apavorava a população com os supostos riscos às suas crianças, sobretudo de morte, nenhuma surpresa nos foi anunciada.

Buscamos descrever e compreender a construção particular da representação de crianças e da infância no bolsonarismo por meio de depoimentos e imagens veiculados pelas mídias. O nosso argumento foi construído a partir da análise de depoimentos diversos de Bolsonaro e de imagens que revelam seu modo de se relacionar com as crianças, expondo-as às armas, ao incentivo ao trabalho e ao risco de contrair Covid-19. A análise do material discursivo e

audiovisual das três campanhas – de militarização, de defesa do trabalho infantil e antivacina – foi feita a partir das noções de provisão, proteção e participação das crianças. Concluímos que a representação bolsonarista sobre a infância toma as crianças como adultos em miniatura, o que se contrapõe à noção de sujeitos sociais a quem o Estado deve proteger, provendo e garantindo seu direito à participação.

A campanha de militarização é sincrônica e prossegue após a campanha eleitoral de 2018, com crianças fardadas, portando armas de brinquedo ou fazendo o gesto de “arminha” com as mãos. Ela já anunciava uma forma de governo que em breve defenderia que os cidadãos armados seriam mais capazes de proteger a si próprios e às crianças. A campanha em favor do trabalho defende que as crianças podem e devem trabalhar, sob pena de se tornarem “malandros” ou “vagabundos”. E, por fim, a campanha contra a vacinação das crianças reitera que elas são como adultos e que a tarefa de protegê-las e provê-las não mais é do Estado.

As ciências sociais têm uma importante missão, qual seja, discutir as limitações da participação das crianças. Não poderíamos desprezar um fenômeno social – a construção da representação bolsonarista da infância e as crianças – que se destaca nas mídias e nas redes sociais e posiciona a criança como um adulto em miniatura. A retórica se desenvolve em torno de crianças que podem e devem atirar e trabalhar etc., habilidades que em nossa sociedade não são esperadas delas. Obviamente, consideramos a vasta literatura sobre crianças-soldado, todavia ela trata de situações de países ou de regiões em guerra, o que não é o caso do Brasil. Temos argumentado cada vez mais sobre a capacidade das crianças de participação política, acrescentando que sua autonomia precisa ser entendida como relativa (Sousa, 2018), uma vez que ainda não podem se autoprover e proteger de maneira absoluta.

Ariès argumentou que a infância é uma construção social e histórica, portanto sempre estará em mudança de acordo com os mais variados contextos. Alguns valores descobertos por Ariès no século XVII ainda estão associados à infância contemporânea, e, de acordo com Jenkins (1998), o mito da inocência não inclui a criança – só a tem deixado de fora, à margem da decisão política. Crianças continuam sujeitas aos adultos, e são aquelas que primeiramente sofrem por serem consideradas inocentes.

Como afirma Qvortrup (2011), é preciso conectar a infância às forças estruturais maiores, com cuidado para que elas possam ser consideradas sujeitos e não objetos dos políticos. Qvortrup (2011, p. 207) está certo ao afirmar que a infância é, “em princípio, exposta (econômica e institucionalmente) às mesmas forças sociais que os adultos, embora de modo particular”. Todavia o bolsonarismo termina por transformar a criança em objeto durante suas três campanhas, em uma exposição travestida de participação. Nessa exposição, a criança emerge como um adulto reduzido em tamanho e força.

Para reforçar nosso argumento e o modo como essa representação da criança como

adulto se elabora na construção retórica e visual do bolsonarismo, refletimos sobre como ele tem aproximado as crianças de universos dos quais as sociedades modernas se distanciaram: os do trabalho e da violência. Assim é que o bolsonarismo opera com uma representação já superada de infância, ou melhor – fazendo um trocadilho com o trabalho de Hatzikidi e Dullo (2021b) –, introduz não só um “retorno conservador”, mas também uma noção de infância pré-moderna, baseada na normatividade e na hegemonia.

## REFERÊNCIAS

1. ALVES, Hellen. Quem é a youtuber mirim Esther, vítima de brincadeira sexista, que aparece com Bolsonaro em live. **DCM**, São Paulo, 11 set. 2020. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/quem-e-a-youtuber-mirim-esther-vitima-de-brincadeira-sexista-que-aparece-com-bolsonaro-em-live/>. Acesso em: 27 ago. 2022.
2. AMADO, Guilherme. Bolsonaro reduziu 95% do orçamento para combater o trabalho infantil. **Metrópoles**, Brasília, 12 abr. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/bolsonaro-reduziu-95-do-orcamento-para-combater-o-trabalho-infantil>. Acesso em: 27 nov. 2022.
3. ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
4. AZEVEDO, Evelyn. Após Bolsonaro tirar máscara de criança, revista Science publica estudo que comprova eficácia do EPI contra a Covid. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 jun. 2021. Disponível em <https://oglobo.globo.com/saude/apos-bolsonaro-tirar-mascara-de-crianca-revista-science-publica-estudo-que-comprova-eficacia-do-epi-contra-covid-25078339>. Acesso em: 26 jun. 2021.
5. BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.
6. BOLSONARO volta a defender trabalho infantil: ‘Deixa a molecada trabalhar’. **IG**, São Paulo, 11 set. 2020a. Disponível em: <https://economia.ig.com.br/2020-09-11/bolsonaro-volta-a-defender-trabalho-infantil-deixa-a-molecada-trabalhar.html>. Acesso em: 2 fev. 2021.
7. BOLSONARO volta a defender trabalho infantil: “Deixa a molecada trabalhar”. **Carta Capital**, São Paulo, 10 set. 2020b. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/carta-capital/bolsonaro-volta-a-defender-trabalho-infantil-deixa-a-molecada-trabalhar/>. Acesso em: 2 fev. 2021.
8. BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm).

Acesso em: 2 fev. 2022.

9. BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. O surgimento do Estado republicano. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, cidade, n. 62, p. 131-150, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452004000200008>. Acesso em: 2 fev. 2022.
10. CASTRO, Lucia Rabello de; GRISOLIA, Felipe Salvador. Subjetivação pública ou socialização política? Sobre as articulações entre o “político” e a infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 137, p. 971-988, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/VCFnVMxPCGzhQVv99bHLRvJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 fev. 2022.
11. CESARINO, Leticia. Identidade e representação no bolsonarismo. Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165232>. Acesso em: 13 out. 2021.
12. DECKER, Augusto; TOMAZELA, José M. “Você sabe atirar?”, pergunta Bolsonaro a uma criança. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 23 ago. 2018. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/eleicoes/voce-sabe-atirar-pergunta-bolsonaro-a-uma-crianca/>. Acesso em: 19 out. 2021.
13. DE PAULA, Priscilla Trabalho infantil não dignifica criança. **Estadão**, São Paulo, 5 jul. 2018. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/mae-sem-receita/trabalho-infantil-nao-dignifica-crianca/>. Acesso em: 26 dez. 2018.
14. FERNANDES, Augusto. “Deixa a molecada trabalhar” diz Bolsonaro sobre trabalho infantil. **Correio Braziliense**, Brasília, 10 set. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/09/4874581-deixa-a-molecada-trabalhar-diz-bolsonaro-sobre-trabalho-infantil.html> Acesso em: 26 dez. 2021.
15. FERNANDES, Leticia. Bolsonaro ensina criança a imitar arma com a mão. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 jul. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-ensina-crianca-imitar-arma-com-mao-22905093>. Acesso em: 19 out. 2019.
16. GASPAR, Malu. O pitbull do papai: os tormentos e as brigas de Carlos Bolsonaro, o filho mais próximo do presidente. **Piauí**, São Paulo, n. 154, jul. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-pit-bull-do-papai/>Acesso em: 19 fev. 2022.
17. GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018.
18. GOMES, Marcio. Uma criança, um fuzil e um presidente. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 02 out. 2021. Disponível em: <https://www.jb.com.br/pais/informe-jb/2021/10/1033199-uma-crianca-um-fuzil-e-um-presidente.html>. Acesso em: 19 fev. 2022.
19. GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 155-165, 2000. Disponível em: <http://>

- ppcis.com.br/wp-content/uploads/2018/09/Cadernos-de-Antropologia-e-Imagem-10.-Campo-da-imagem.pdf. Acesso em: 03 jul. 2022.
20. HATZIKIDI, Katerina; DULLO, Eduardo (ed.). **A horizon of (im)possibilities: a chronicle of Brazil's conservative**. London: Clacs; School of Advanced Studies; University of London, 2021a.
  21. HATZIKIDI, Katerina; DULLO, Eduardo. Introduction: Brazil's conservative return. *In: HATZIKIDI, Katerina; DULLO, Eduardo (ed.). A horizon of (im)possibilities: a chronicle of Brazil's conservative*. London: Clacs; School of Advanced Studies; University of London, 2021b. p. 1-33.
  22. JENKINS, Henry. Introduction: childhood innocence and other modern myths. *In: JENKINS, Henry (ed.). The children's culture reader*. New York: New York University Press, 1998. p. 1-37.
  23. JUCÁ, Beatriz. Chip na vacina, “virar jacaré” e outros mitos criam pandemia de desinformação na luta contra a covid-19. **El País**, São Paulo, 20 dez. 2020. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-20/chip-na-vacina-virar-jacare-e-outros-mitos-criam-pandemia-de-desinformacao-na-luta-contra-a-covid-19.html>. Acesso em: 03 jul. 2022.
  24. LIMA, Jéssica de Sousa; SOUSA, Emilene Leite. de. Autonomia das crianças versus controle institucional: uma análise da agência infantil em uma casa abrigo de Imperatriz. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 17, n. 33, 297-318, 2020. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/13308/7369>. Acesso em: 15 nov. 2023.
  25. LOWENKRON, Laura. Entre o perigo da indiferença e o risco de ser afetado: a gestão das emoções em investigações policiais de pornografia infantil. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intersecoes/article/view/30400>. Acesso em: 13 nov. 2023.
  26. LOWENKRON, Laura. Gênero, família e Estado: cuidado de crianças, pandemia e a gestão da (não) reabertura escolar. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 38, p. E22212, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/J3t7RqLGQ6fDft8C73Zxvdd/>. Acesso em: 15 nov. 2023.
  27. LYRA, Rubens Pinto. **Bolsonarismo: ideologia, psicologia, política e temas afins**. João Pessoa: Editora CCTA, 2021.
  28. LINS, Heloísa Andreia de Matos. Infancia en tiempos de guerra moral y espiritual en Brasil: culturas (in) materiales y subjetivación política (des)democrática. **Sociedad e Infancias**, Madri, v. 5, n. 2, p. 77-97, dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5209/soci.78374> Acesso em: 15 nov. 2023.
  29. MACHADO, Carly Barboza. Foreword. *In: HATZIKIDI, Katerina; DULLO, Eduardo (eds.). A horizon of (im)possibilities: a chronicle of Brazil's conservative*. London:

Clacs; School of Advanced Studies; University of London, 2021. p. xvii-xx.

30. MIGUEL, Luís Felipe. Representação política em 3-D: elementos para uma teoria ampliada da representação política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 123–140, fev. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KsmNcpQnt7TTB5TxGkjQBQx/#> Acesso em: 15 nov. 2023.
31. MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 101-128, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/tWFyRWkCdWv4Tgs8Q6hps5r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2023.
32. MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725–748, set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2023.
33. NÃO é justo usar o garoto para me atingir, diz Bolsonaro sobre Flávio. **Exame**, São Paulo, 24 jan. 2019. Disponível em: <https://exame.com/brasil/pressao-sobre-flavio-e-para-me-atingir-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 26 dez. 2021.
34. NEPOTISMO: “Se eu puder dar o filé mignon para o meu filho, eu dou”, diz Bolsonaro sobre embaixada. Forum, São Paulo, 18 jul. 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2019/7/18/nepotismo-se-eu-puder-dar-file-mignon-para-meu-filho-eu-dou-diz-bolsonaro-sobre-embaixada-58747.html>. Acesso em: 26 dez. 2021.
35. PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury Scalco. From hope to hate: the rise of conservative subjectivity in Brazil. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, Chicago, v. 10, n. 1, p. 21-31, mar. 2020. Disponível em: <https://www.haujournal.org/index.php/hau/article/view/1408>. Acesso em: 14 nov. 2023.
36. PIRES, Flávia Ferreira. **Do ponto de vista das crianças: uma avaliação do Programa Bolsa Família**. Estudos de Avaliação das Políticas do MDS. Brasília: Sagi; MDS, 2013a.
37. PIRES, Flávia Ferreira. Comida de criança e o Programa Bolsa Família: moralidade materna e consumo alimentar no semi-árido. **Política & Trabalho**, João Pessoa, v. 1, n. 38, p. 123-135, 2013b. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/14575/9381>. Acesso em: 24 abr. 2021.
38. PIRES, Flávia Ferreira. Child as family sponsor: an unforeseen effect of Programa Bolsa Família in northeastern Brazil. **Childhood**, Oslo, v. 21, n. 1, p. 134-147, 2013c. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/09075682134843>. Acesso em: 14 jun. 2021.
39. PIRES, Flávia Ferreira.; FALCÃO, Christiane Rocha; SILVA, Antonio Luiz da. O bolsa família é direito das crianças: participação social infantil no semiárido nordestino. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 141-167, 2014. Disponível em: <https://teoriaesociedade.fafich.ufmg.br/index.php/rts/article/view/142/107>. Acesso em: 18 abr. 2022.

40. PIRES, Flávia Ferreira; SILVA JARDIM, George Ardilles da. Geração Bolsa Família: educação, trabalho infantil e consumo na casa sertaneja (Catingueira/PB). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 29, n. 85, p. 99-112, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000200007>. Acesso em: 18 abr. 2022.
41. QVORTRUP, Jens. Infância e Política. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, São Paulo, v. 40, n. 141, p. 777-792, jul./set. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742010000300006>. Acesso em: 08 set. 2022.
42. QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social”. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 199-211, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072011000100015>. Acesso em: 29 maio 2021.
43. REGITANO, Aline de Paula; TOREN, Christina. Como nos tornamos quem somos. Entrevista com Christina Toren. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, v. 1, n. 9, p. 295-304, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://www3.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/3593>. Acesso em: 07 ago. 2021.
44. REIS, Daniel Aarão. Notas para a compreensão do Bolsonarismo. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, e36709, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2020.1.36709>. Acesso em: 03 jun. 2022.
45. RIBEIRO, Fernanda Bittencourt. Governo dos adultos, governo das crianças: agentes, práticas e discursos a partir da “lei da palmada”. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 292-308, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/15480>. Acesso em: 11 nov. 2023.
46. SAMAIN, Etienne. Margareth Mead e Gregory Bateson. In: ALVES, André; SAMAIN, Etienne. **Os argonautas do mangue precedido de Balinese character (re)visitado**. Campinas: Unicamp/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. p. 15-72.
47. SAKAMOTO, Leonardo. Por que Bolsonaro quer tanto que a criança (dos outros) trabalhe? **UOL**, São Paulo, 26 ago 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/08/26/por-que-bolsonaro-quer-tanto-que-a-crianca-dos-outros-trabalhe.htm> Acesso em: 05 jun. 2022.
48. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 391-431, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752014V425>. Acesso em: 05 jun. 2022.
49. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Bolsonaro e seu reino: retóricas visuais do poder. **Zum Revista de Fotografia**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://revistazum.com.br/zum-quarentena/bolsonaro-e-seu-reino/>. Acesso em: 05 jun. 2022.
50. SILVA, José Benedito da. Bolsonaro sem máscara e Michelle ovacionada: o 7 de Setembro em Brasília. **Veja**, São Paulo, 07 set. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br>

com.br/coluna/maquiavel/bolsonaro-sem-mascara-e-michelle-ovacionada-o-7-de-setembro-em-brasilia. Acesso em: 2 fev. 2021.

51. SOARES, Jussara. Bolsonaro diz que ECA deve ser “rasgado e jogado na latrina”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 ago. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-diz-que-eca-deve-ser-rasgado-jogado-na-latrina-23006248>. Acesso em: 19 out. 2019.
52. SOUSA, Emilene Leite de. Autonomia do universo infantil versus autonomia infantil: a agência das crianças no contexto camponês Capuxu. **Temáticas**, Campinas, v. 26, n. 51, p. 179-214, 2018. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11633/6946>. Acesso em: 25 nov. 2023.
53. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
54. TOREN, Christina. A matéria da imaginação: o que podemos aprender com as idéias das crianças fijianas sobre suas vidas como adultos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 19-48, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832010000200002>. Acesso em: 26 fev. 2021.
55. TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Presidente do TSE apresenta números do 2º turno das Eleições 2022**. Brasília, DF: TSE, 8 nov. 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Novembro/presidente-do-tse-apresenta-numeros-do-2o-turno-das-eleicoes-2022>. Acesso em: 10 nov. 2022.
56. VILA-NOVA, Carolina. Bolsonaro esvazia comissão contra trabalho infantil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 dez. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/12/bolsonaro-esvazia-comissao-contra-trabalho-infantil.shtml>. Acesso em: 13 dez. 2021.

*Fernanda Müller*

Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1788-8662>. E-mail: [fernanda.muller@unirio.br](mailto:fernanda.muller@unirio.br)

*Emilene Leite de Sousa*

Professora Associada do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2608-6677>. E-mail: [emilene.sousa@ufma.br](mailto:emilene.sousa@ufma.br)